



Último Domingo depois da Epifania (06/02/05)

1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 24.12 (13-14), 15-18.

A escolha desse texto está determinada pelo contexto da festa litúrgica da Transfiguração de Cristo. Moisés, ao receber as tábuas da lei é envolto pela glória de Deus no monte Sinai. Na tradição sacerdotal, a "glória de Iahweh" (*kebôd Iahweh*) é a própria manifestação da presença divina, que brilhará no rosto de Moisés (Ex34,29) e encherá o Templo (I Rs 8.10-11). Trata-se, nos textos da tradição P (Sacerdotal), da força da presença de Deus e do peso da aparição divina. Nos textos sacerdotais, Deus se revela em meio a fenômenos meteorológicos como nuvens, tempestades, fogo, relâmpagos, trovões, etc. Tais fenômenos, porém, não são o próprio Deus, mas uma espécie de invólucro ou véu que permite ao ser humano identificar a presença ativa e poderosa de Iahweh. Naturalmente, a seleção do texto de Êxodo para esse domingo tem o objetivo de proclamar a conexão entre a antiga e a nova aliança, ao mesmo tempo em que destaca a magnitude de Jesus, pois no monte da transfiguração, Ele é a própria glória de Deus. (CEBC)

2ª leitura (Epístola) – Filipenses 3.7-14

A participação na glória de Cristo corresponde ao despojamento Daquele que, sendo igual a Deus, não se agarrou a essa condição divina, e tomou a forma ou condição de escravo. Esse despojamento paulino tomou forma concreta na condição de um judeu privilegiado conforme os versos (3.4-9). No império, nos dias do apóstolo, os judeus gozavam de relativa liberdade. Ele se despojou dessa cidadania privilegiada e colocou a sua cidadania no reinado de Deus revelado no Cristo crucificado (um grande risco e perigo, em relação ao império romano), No vs. 20, o céu é uma metáfora espacial e vertical da soberania de Deus. Essa metáfora é também temporal no sentido de que este tempo, este século dominado pelo poder de dominação chegará ao fim com a manifestação final que transformará o nosso corpo humilhado.

A leitura deste domingo é um recorte de uma carta redigida posteriormente mais de duas cartas ou fragmentos de cartas. E o recorte vem de um desses fragmentos, que representa a polêmica e debate com aqueles judeus-cristãos que impunham a circuncisão aos cristãos de outra origem. É possível que esses cristãos fossem não-judeus, que abraçaram o ensino do judaísmo. Não se trata de repúdio do judaísmo nem tão pouco do Antigo Testamento. Ao contrário, o Deus intimamente, de modo ímpar identificado com o Cristo crucificado é, para o apóstolo, o mesmo Deus revelado a Moisés e a Abraão e Sara. Suas cartas ecoam muito do Antigo Testamento. Porém a conversão a Cristo lhe deu uma nova perspectiva na leitura do Antigo Testamento.



Santo Evangelho (Mateus 17.1-9)

A transfiguração de Cristo é um prenúncio da ressurreição. Esse episódio é narrado pelos três evangelistas sinóticos, o que indica que os discípulos, de fato, experimentaram algum acontecimento marcante com Cristo no alto de um monte. A menção à aparição de Moisés e Elias reflete, provavelmente, um conflito interno entre os discípulos quanto à superioridade de Cristo sobre esses dois representantes do judaísmo. A sugestão da construção das três tendas indica ter havido algum momento decisivo na vida da igreja primitiva em que eles tiveram que optar pelo judaísmo ou pela novidade representada por Cristo. A intervenção divina (voz do céu) impedindo a continuidade da proposta da construção das três tendas mostra a superioridade de Cristo em relação à velha ordem. Vale a pena destacar o fato de que, a sugestão de construção de tendas diferentes continua a ser ouvida e seguida ainda hoje, e isso nos inspira a propor uma leitura eclesiológica do texto.

A tenda para Moisés representa a tenda da lei. Moisés é, até hoje, lembrado no judaísmo como "o legislador". Através dele o povo recebeu a *Torah*. Sua pessoa representava a lei. Na igreja primitiva havia um forte grupo de cristãos provenientes do judaísmo que insistia em preservar a lei. Atualmente, também há grupos cristãos fascinados pelo judaísmo. E há também cristãos que fazem do legalismo e moralismo a nota dominante de suas vidas. A mentalidade legalista e moralista não é capaz de refletir a partir de uma ética situacional. Os que seguem esse estilo acabam por fazer da Igreja nada mais que uma instituição que tem o dever de zelar pela "moral" e os "bons costumes". Naturalmente, é preciso reconhecer o valor da lei, mas sabemos também que "o fim da lei é Cristo" (Romanos 10.4)

A tenda de Elias representa a tenda da profecia e do carisma. Elias foi o primeiro grande profeta. Os profetas eram homens carismáticos, em todos os sentidos. A eles estão relacionados episódios de cura e narrativas de êxtases e milagres. Essa é outra grande tentação de alguns grupos. Transformar a Igreja numa comunidade cuja única finalidade parece ser a experiência carismática. É bom lembrar que tais experiências extáticas podem ser encontradas em qualquer religião e não são privilégio do cristianismo.

As considerações acima nos fazem recordar outro texto: "A Lei e os profetas vigoraram até João; desde esse tempo vem sendo anunciado o Reino de Deus" (Lucas 16.16). O Reino de Deus é pleno em Cristo. Nem a mentalidade legalista nem o entusiasmo carismático podem ofuscar Jesus Cristo. Vida cristã é muito mais do que comportamento moral adequado (a quem e a quais interesses?) e muito mais que emocionalismo e entusiasmo espiritual.

O tempo litúrgico da Epifania se fecha sempre com essa exaltação e glorificação à superioridade e magnitude de Cristo, diante de quem tudo é relativizado e a quem tudo conflui (CEBC).